

Economistas acham que Brasil terá problemas ainda por alguns anos

REGIS NESTROVSKI

Especial para O GLOBO

NOVA YORK — O sistema financeiro internacional e o Brasil sobreviveram à cirurgia de emergência a que foram submetidos este ano, mas, segundo autoridades econômicas dos Estados Unidos, o paciente permanecerá na lista crítica por alguns anos. Com o acordo para o refinanciamento da dívida externa brasileira, o trabalho inicial de reajuste econômico está praticamente terminado, mas o paciente ainda requer tratamento intensivo até 1987 no mínimo.

— Conseguimos resolver a crise no momento, mas nada foi feito para mudar as questões fundamentais — disse Alan Greenspan, importante economista do staff da Casa Branca, em recente entrevista a "The Wall Street Journal". Os principais problemas levantados pelos analistas econômicos americanos no momento são: o acúmulo dos pagamentos de dívidas externas em 1987, exatamente quando os observadores econômicos estão prevendo uma nova recessão mundial. Se isto acontecer, os mercados para exportação se esgotarão e países como o Brasil, totalmente dependentes do comércio exterior poderiam cair em mais dívida.

Em segundo lugar, surge para o Brasil o problema da falta de capital por alguns anos. Há grande evasão de divisas e, na atual crise, estimativas de banqueiros de Nova York indicam que mais de US\$ 6 bilhões deixaram o País para lugares com melhores perspectivas. Mesmo com o apoio do FMI, fontes bancárias acham que os bancos comerciais privados continuarão a adiar ou mesmo cortar novos empréstimos. Por último, as nações industriais não pensam em aumentar sua ajuda a países em desenvolvimento e o FMI

deverá enfrentar problemas de caixa nos próximos meses.

Outra novidade em novembro é que os banqueiros americanos pararam de só pensar em lucros, levando em conta a situação política brasileira. "The Wall Street Journal", em recente artigo sobre o Brasil, ressaltou que os banqueiros americanos estão muito preocupados com assalto a supermercados no Rio e em São Paulo, já que demonstram instabilidade política, e, no meio desta semana, um importante banqueiro americano disse ao GLOBO que as eleições diretas são bem vistas pela comunidade bancária internacional.

Por outro lado, algumas multinacionais acreditam que o mercado brasileiro crescerá. E o caso da Dupont e da Monsanto que aumentarão seus investimentos no País. Os maiores otimistas quanto ao caso brasileiro nos Estados Unidos, são o Secretário do Tesouro, Donald Regan e analista econômico William Cline. Eles acreditam que, com a recuperação econômica o Brasil crescerá pelo menos 3 por cento no próximo ano.

Mas a questão crucial, consideram os banqueiros nova-iorquinos é "como o Brasil conseguirá financiar o investimento privado necessário para tirá-lo da crise a longo prazo". Para analistas como Dimitri Balastos, do Manufactures Hanover de Nova York, a chave é manter os "bancos no jogo" para que aumentem os empréstimos e o País resolva o problema de liquidez.

Finalmente as autoridades financeiras americanas vêem dois pontos favoráveis nas recentes negociações da dívida externa brasileira: uma diminuição da taxa de juros e uma extensão dos períodos de carência.

— As concessões não são grandes, mas elas representam um primeiro passo — disse uma fonte do Governo americano.